

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2021



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



# CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30

Editor Principal | Editor-in-chief  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2021



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Joana Pinto Salvador Costa, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Bruno dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elsa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Alberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Armando Bramanti (CCHS-CSIC), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Dávid Bartus (Eötvös Loránd University), David Hernandez de la Fuente (Universidad Complutense de Madrid), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Giuseppe Minunno (Università di Genova / Università di Firenze), Gustavo Alberto Vivas García (Universidad de La Laguna), José Luís Brandão (Universidade de Coimbra), Jean-Pierre Levet (Université de Limoges), Juan Luis Montero Fenollós (Universidad de Coruña), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Mireia López-Bertran (Universitat de València), Pedro Albuquerque (Universidade de Lisboa), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Roberto Nardi (Centro di Conservazione Archeologica).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2021

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 0871-9527

**eISSN:** 2183-7937

**Depósito Legal:** 54539/92

**Tiragem:** 150 exemplares

**P.V.P.:** €15.00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

- 11 UN RILIEVO DALLA TOMBA MENFITA DI PTAHMES E LE TRATTATIVE FALLITE  
PER LA VENDITA A LEOPOLDO II DELLA TERZA COLLEZIONE NIZZOLI

*A RELIEF FROM THE MEMPHITE TOMB OF PTAHMES AND THE FAILED  
NEGOTIATIONS FOR THE SALE OF THE THIRD NIZZOLI COLLECTION TO LEOPOLD II*

Daniela Picchi

- 39 OS EPIGRAMAS FÚNEBRES DE GREGÓRIO DE NAZIANZA  
Da Klea Andron à Arete Cristã

*THE FUNERAL EPIGRAMS OF GREGORY OF NAZIANZUS  
From Klea Andron to Christian Arete*

Rita Codá

### 51 ESTUDOS

#### ARTICLES

- 53 O ESCORPIÃO COMO ANTIGA MANIFESTAÇÃO DIVINA  
NA MESOPOTÂMIA:  
A sua presença na glíptica do Diyala (c. 3150-2340 a.C.)

*THE SCORPION AS AN ANCIENT DIVINE MANIFESTATION IN MESOPOTAMIA:  
Its presence in the Diyala glyptic (c. 3150-2340 a.C.)*

Vera Gonçalves e Isabel Gomes de Almeida

- 81 OS CITAS NAS HISTÓRIAS DE HERÓDOTO:  
Identidade e nomoi

*THE SCYTHIAN IN HERODOTUS STORIES:  
Identity and nomoi*

Rui Tavares de Faria

- 105 LA INCORPORACIÓN DEL ELEFANTE DE GUERRA EN CARTAGO  
*THE INCORPORATION OF THE WAR ELEPHANT IN CARTHAGE*

José Luis Alejo Martínez

- 123 STOICISM IN POWER:  
Nero and his reflective enigmas  
*ESTOICISMO NO PODER:  
Nero e os seus enigmas reflexivos*  
Carlotta Montagna
- 141 L'HYMNE ORPHIQUE À APOLLŌN  
ET LA DATATION DES HYMNES ORPHIQUES:  
Considérations archéoastronomiques et comparaisons égyptologiques  
*THE ORPHIC HYMN TO APOLLO AND THE DATING OF THE ORPHIC HYMNS:  
Archaeoastronomical considerations and egyptological comparisons*  
Alicia Maravelia
- 191 CONTRIBUTION À LA CONNAISSANCE DE LA VILLE DE THALA NUMIDE:  
Contexte géo-historique  
*CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF THE NUMIDIAN CITY OF THALA:  
Geo-historical context*  
Ouiza Ait Amara

**217 NOTAS E COMENTÁRIOS**  
*COMMENTS AND ESSAYS*

**221 RECENSÕES**  
*REVIEWS*

**283 IN MEMORIAM**

**289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**  
*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**AUTORES CONVIDADOS**  
GUEST ESSAYS

# OS EPIGRAMAS FÚNEBRES DE GREGÓRIO DE NAZIANZA

Da Klea Andron à Arete Cristã

## THE FUNERAL EPIGRAMS OF GREGORY OF NAZIANZUS

From Klea Andron to Christian Arete

Rita Codá

Colégio Pedro II (IFTEC)/RJ

rcassiacoda@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0002-4897-2508>

Autor Convidado | Guest Author

**Resumo:** Os epigramas fúnebres de Gregório de Nazianza são os testemunhos mais eloquentes da perfeita harmonia e síntese entre cultura helênica e cristianismo. Nos epigramas traduzidos e comentados neste trabalho, encontramos, com igual vigor retórico, o desiderato de glória imorredoura, fundamentado no ideal homérico da *klea andrôn*, e a presença igualmente heróica de uma *areté* cristã. Para tal fim, o bispo cede lugar ao homem de letras, encontrando, ambos, um terreno comum de entendimento.

**Palavras-chave:** cultura helênica, cristianismo, síntese cultural

**Abstract:** The funeral epigrams of Gregory of Nazianzus are the most eloquent testimonies of the perfect harmony and synthesis between hellenic culture and christianity. In the epigrams translated and commented in this work we find, with equal rhetorical vigor, the desire for undying glory, based on the homeric ideal of *klea andrôn*, and the equally heroic presence of a christian *areté*. To this end, the bishop gives way to the man of letters, finding, both, a common ground of understanding.

**Key-words:** hellenic culture, christianity, cultural synthesis

Com Gregório de Nazianza (século IV),<sup>1</sup> a literatura greco-cristã chega ao paroxismo. Na busca de um paralelo entre a *klea andrôn* (glória dos heróis) – objetivo primeiro e último da *areté* (excelência) homérica, símbolo do ideal aristocrático grego –, e uma possível *areté* cristã, o Bispo de Nazianza revive, mil anos depois, as palavras de Fênix, preceptor de Aquiles, proferidas no hexâmetro 443 do canto IX

---

1 Gregório nasceu em 329/330, ou em Nazianza, Capadócia (atual Nenizi, Turquia), ou na propriedade da família perto de Arianza, e morreu em 390/391, provavelmente em Arianza.

da *Iliada*: “proferir palavras e realizar ações” (μῦθων τε ῥητῆρ ἔμειναι πρῆκτῆρά τε ἔργων). Neste hexâmetro homérico, não foi sem razão que os helenos viram e conceberam a mais abrangente formulação do seu ideal humanístico: o domínio da palavra e a excelência em suas ações significavam a soberania do espírito. Gregório Nazianzeno, grego entre os gregos, parte em defesa não apenas de uma excelência mas também de uma inteligência cristã. E ainda com mais veemência, após ter sido atingido diretamente pelo édito do imperador Juliano, em 362, que impedia os cristãos de ensinar os clássicos. Seu compromisso com uma literatura que fizesse frente à antiga tradição literária foi decisivo. De sermões a poemas, epigramas e cartas e (suas) *Confissões*,<sup>2</sup> toda a sua produção teológica, filosófica e literária foi decisiva para estruturar e ratificar uma nova literatura que se queria cristã.

Ao lado de sua obra oratória, os epigramas fúnebres são o resultado mais eloquente desse compromisso assumido com a tradição helênica e a doutrina cristã. E a proposta deste trabalho é confirmar, por meio da tradução e comentário de alguns epigramas fúnebres de Gregório, essa harmoniosa síntese realizada entre esses dois filões: a cultura grega que outorga ao cristianismo a excelência de suas formas, e o cristianismo que se molda nas formas antigas da cultura helênica.

Em verdade, toda a obra do Nazianzeno representa um verdadeiro renascimento das antigas formas literárias gregas imbuídas do espírito cristão, criando, destarte, uma literatura capaz de competir com os melhores produtos dos escritores pagãos contemporâneos e que até os sobrepassa, por sua vitalidade e eloquência. Esse vigor retórico era fruto do ensinamento técnico dos reitores, embasado no esquema gorgiano, o qual revela uma das orientações mais marcantes do espírito grego que se deixa atrair por tudo o que oferece uma harmonia que toque os olhos e os ouvidos. E seguindo a regra da *imitatio*, que dominava as atividades das escolas de retórica da época, a nova literatura cristã dá mostra de todo tipo de gênero e estilo literário, inclusive o epigrama que, escrito agora num estilo bem próprio, num grego *esoterikós* (esotérico), cujo manuseio exigia a maestria de formas antigas, caracterizava um pequeno círculo de *pepaideuménoi* (homens instruídos): os governadores das províncias

2 Suas *Confissões* estão inseridas na obra poética *Carmen de vita sua* e são uma espécie de prelúdio místico de um indivíduo religioso em busca constante do próprio crescimento espiritual. Esse novo gênero literário, que marcou a história da expressão literária da personalidade humana sobre si mesma, foi um dos fatores básicos na história intelectual da Igreja e, em particular, da Filosofia.

do Império e uma elite local para quem a *paideia* helênica caminhava *pari passu* com o nome ilustre e sua condição material. Era o caso da aristocracia do Império do Oriente que se considerava “iniciada” nesta *paideia*, com tudo o que a forma implicava. É neste ambiente que se destaca Gregório, futuro bispo de Nazianza, filho de um rico cidadão (Gregório, o Velho) que, após converter-se ao cristianismo, fora eleito bispo. Sua mãe (Nonna) também pertencia a uma aristocracia local e terratenente.

A respeito da formação acadêmica de Gregório, temos notícias várias dadas por ele mesmo em suas obras, pois elementos autobiográficos pululam em quase todos os seus escritos. Em Nazianza, frequentou a escola municipal e aí entrou em contato com a retórica e os autores clássicos; em seguida, é enviado, junto com o amigo Basílio, para Atenas, onde ambos passam pelo *curriculum* ordinário (artes liberais, retórica e filosofia) e dão prova de que a mente provinciana tinha maior receptividade do que a dos estudantes comuns. Suas cartas ao amigo Basílio expressam a surpreendente amplitude de seus interesses pelas ciências e pela medicina. Todo esse conhecimento teve, mais tarde, sua importância para a Igreja, quando Gregório se converte em guia espiritual de sua época. O Nazianzeno lança mão de suas meditações a respeito da filosofia grega, com um vigor de atualidade que era preciso fazer como cristão, adaptando o pensamento e a língua clássica ao cristianismo e transpondo constantemente para o plano cristão o que ele considerava as melhores doutrinas e as mais belas máximas da filosofia grega. Werner Jaeger salienta o contributo especial dos chamados Três Grandes Capadócius (Basílio o Grande, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianza) à filosofia e à teologia cristãs, cuja base se encontra em Orígenes e Clemente de Alexandria:

Os capadócius, Basílio e os dois Gregórios, não proclamam programas para o desenvolvimento da religião de Cristo em sua época, e sim revelam suas ideias a cada passo ao longo de sua obra. São grandes teólogos, porém são algo mais que isso. [...] Consideram que a teologia é uma grande ciência que se baseia no conhecimento superior e que é tarefa filosófica da inteligência. E esta ciência é parte da civilização que é a deles e na qual se movem familiarmente. [...] Orígenes e Clemente de Alexandria iniciaram esta linha de pensamento em alto nível, mas agora se necessitava de muito mais.<sup>3</sup>

---

3 Jaeger 1986, 106.

No âmbito da ética, uma nova *aristia* é descrita nos epigramas fúnebres do Grande Capadócio e apresentada como um novo conceito de heroísmo. É o que se vê no epitáfio 100, quando o poeta louva a excelência de dois ilustres capadócios: o amigo Filágrio e seu irmão Cesário, ao mesmo tempo em que imortaliza sua terra-natal, a Capadócia, por seus belos cavalos:

Epigrama 100

Κλυῖθι, Ἀλεξάνδρεια· Φιλάγριος ὤλεσε μορφήν  
 τῆς λογικῆς ψυχῆς οὔτι χειριωτέρην,  
 Καισάριον δὲ νέον φθόνος ἤρπασεν· οὔποτε τοῖα  
 Πέμψεις εὐῖπποις ἄνθεα καπαδόκαις.

Escuta, Alexandria: Filágrio perdeu sua beleza  
 que em nada era inferior à inteligência de sua alma,  
 e Cesário, jovem, a Inveja o arrebatou. Jamais tu  
 enviarás tais flores aos Capadócios de belos cavalos.

Tanto Filágrio quanto Cesário estudaram em Alexandria, e o primeiro chegou a ser funcionário imperial no Egito, terra famosa por suas flores que eram enviadas a todo o Império, daí a comparação com os dois ilustres capadócios mortos. A forma verbal κλυῖθι (2ª pessoa do imperativo, aoristo 2º de κλύω, “escutar”), com que inicia o epigrama, por sua vez, remete à *Iliada*, no passo em que o sacerdote Crises invoca Apolo (κλυῖθι μευ, ἀργυρότοξ, ὁ Χρῦσην ἀμφιβέβηκας).<sup>4</sup> Nada é mais genuinamente grego do que este epigrama acima.

Lamentações lancinantes são expressas por Gregório a respeito da impiedade exercida sobre os túmulos na sua época. Há vários epigramas do Nazianzeno que aludem a tal fato. Isso nos leva a cogitar ter sido um ato não esporádico a violação de túmulos, principalmente de notáveis, em busca de ouro ou outras preciosidades que, segundo o costume ancestral, eram colocadas junto ao defunto. Havia também a possibilidade de roubarem as pedras de túmulo alheio para construir o seu próprio. O epigrama 110 trata desse ato abominável tanto à paideia grega quanto à ética cristã:

4 “Ouve-me, ó deus do arco argênteo, que Crisa, cuidadoso, proteges.” (*Il.* 1.37, trans. Nunes 1996).

## Epigrama 110

Ὡθέμι, τῆς πολλοῖσιν ἐγὼ νώμησα τάλαντα  
 ὦ φοβεραὶ ψυχῶν μάστιγες οὐχ ὀσίων  
 οὗτος ἐμοῖσι λίθοισι φέρει στονόεντα σίδηρον  
 οὗτος ἐμοί. Φεῦ, φεῦ, ποῦ δὲ λίθος Σισύφου;

Ó Têmis, cuja balança manuseei para tantos [homens]!

Ó látegos terríveis das almas impiedosas!

Esse [criminoso] traz de encontro às minhas pedras um ferro que faz gemer;  
 ele vem sobre mim. Ai! Onde está, pois, a rocha de Sísifo?

Ressaltam-se neste mesmo epigrama expressões já tidas, no tempo de Gregório, como estereótipos tradicionais da literatura pagã, tais como “a balança de Têmis”, símbolo da justiça (referência, provavelmente, ao morto, um governador de província romana), e o castigo de Sísifo. O adjetivo *στονόεντα* (que faz gemer), na forma homérica, por sua vez, acompanha o substantivo *σίδηρος* (ferro), pelo qual o poeta substituiu o homérico *χέοντο* (flecha),<sup>5</sup> numa perfeita adequação ao contexto e à sua época.

Outro exemplo de violação de túmulos vê-se no epigrama 187. Esses atos de impiedade contra cadáveres e túmulos sempre foram assinalados, na *paideia* grega, como um dos maiores crimes perpetrados contra o homem e, por conseguinte, contra toda a cultura humanística enraizada na tradição homérica. E Gregório, em nome de uma ética cristã, porém com seu léxico clássico, denuncia essa ignomínia.

## Epigrama 187

“ Τίς τίνος; Οὐκ ἔρει στήλη· πρὸ γὰρ ὄλετο τύμβου.  
 Τίς χρόνος; Ἀρχαίης σῆμα τόδ' ἐργασίης.  
 Τίς δὲ σ' ἐνήρατο; Εἰπέ· φόνος τόδε.  
 - Χεῖρες ἀλιτραὶ γείτονος.  
 - Ὡς λάβη;  
 - Χρυσόν.  
 - Ἐχοι σκοτίνην.”

5 Hom., *Il.* 8.159.

“Quem era ele e quem era seu pai? A estela não o dirá, pois ela foi destruída antes do túmulo.  
 De que época ele era? Este monumento é de um trabalho antigo.  
 Mas quem te matou? Di-lo: foi, pois, um assassino.  
 - As mãos criminosas de um vizinho.  
 - Para sacar o quê?  
 - Ouro.  
 - Que ele possa ter as Trevas”.

O epigrama 106, que, em verdade, é uma *ἐλεγεία*,<sup>6</sup> é um lídimo exemplo da harmoniosa síntese cultural operada pelo Nazianzeno entre a herança grega e o cristianismo. Mais uma vez, o sacerdote cristão cede lugar ao poeta grego:

#### Epigrama 106

Ἦνίκα Μαρτινιανὸς ἔδω χθόνα, μητέρα πάντων,  
 πᾶσα μὲν Αὐσονίων ἐστονάχησε πόλις  
 πᾶσα δὲ Σικανίη τε καὶ εὐρέα πείρατα γαίης  
 κείρατ', ἀπ' ἀνθρώπων οἰχομένης Θέμιδος.  
 Ἡμεῖς δ' ἀντί νυ σεῖο τάφον μέγαν ἀμφιέποντες  
 αἰὲν ἐπερχομένοις δώσομεν ὡς τι σέβας.

Quando Martiniano desceu ao seio da terra, mãe de todos,  
 a cidade inteira dos Ausônios gemeu;  
 a Sicília inteira e todos, até aos longínquos limites do mundo,  
 cortaram seus cabelos ao ver Têmis deixar os homens.  
 Quanto a nós, que não temos mais a honrar que tua tumba magnífica,  
 nós a transmitiremos aos séculos vindouros como objeto de veneração.

O poeta registra, aqui, o arcaico costume helênico de cortar os cabelos, ao saber da morte de alguém querido; também emprega a frase clássica dos poetas dramáticos: *ἔδω χθόνα* – “descer ao seio da terra”. O esplendor de justiça que coroava Martiniano fez o poeta compará-lo à própria Justiça, Têmis. No final do epigrama, vê-se a expressão “quanto a nós” – *Ἡμεῖς δὲ* – que parece denotar a atualidade

6 A elegia (*ἐλεγεία*) – lamento fúnebre e canto de oferenda aos deuses – é composta por dísticos: um hexâmetro e um pentâmetro – *τὸ ἐλεγείο μέτρον* (o metro elegíaco). A elegia influenciou provavelmente o epigrama, sobretudo o funerário.

crisã do autor, ou seja, a decepção moral e espiritual que lhe vinha da parte das autoridades do Império e da Igreja.<sup>7</sup>

A morte do amigo Eufêmio, poeta e orador, leva Gregório Nazianzeno a expressar os sentimentos de uma alma genuinamente helênica, no que toca à retórica e à poética. A importância de ser capaz de “preferir palavras” (μύθων τε ῥητῆρ’ ἔμεναι) e ter familiaridade com a arte das Musas continua sendo a expressão imutável dos ideais gregos. O domínio da palavra, aqui, significa soberania do espírito, revérbero da κλέα ἀνδρῶν homérica, fundamento *sine qua non* da *paideia* grega. É o que mostram os epitáfios 122 e 126:

#### Epigrama 122

Ῥήτωρ ἐν ῥητῆρσιν, αἰδοπόλος δ’ ἐν αἰδοῖς,  
 κῦδος ἐῆς πάτρης, κῦδος ἐῶν τοκέων,  
 ἄρτι γενειάσκων Εὐφήμιος, ἄρτι δ’ ἔρωτας  
 ἐς θαλάμους καλέων, ὤλετο, φεῦ παθέων·  
 ἀντὶ δὲ παρθενικῆς τύμβον λάχεν ἠδ’ ὕμεναίων  
 ἤματα νυμφιδίων ἡμαρ ὑπῆλθε γόνων.

Orador entre os oradores, poeta entre os poetas,  
 glória de sua pátria, glória de seus pais;  
 no momento em que a barba lhe surgia, justamente quando os amores  
 para seu quarto chamava, Eufêmio morreu, ó dor!  
 Em vez de uma esposa virgem, ele teve um túmulo, e os dias de seu  
 jovem himeneu deram lugar a um dia de lamentação.

#### Epigrama 126

“Τίς τίνος;  
 - Ἀμφιλόχου Εὐφήμιος ἐνθάδε κεῖται.  
 - Οὗτος ὁ Καππαδόκαις πᾶσι διὰ στόματος,  
 οὗτος ὁ αἱ Χάριτες Μούσαις δόσαν; Οἱ δ’ ὕμεναιοι  
 ἀμφὶ Θύρας.  
 -Ἦλθεν δ’ ὁ Φθόνος ὠκύτερος”.

7 No *Discurso* 2, 44, Gregório Nazianzeno se refere à Igreja como um “monstro” ou uma “besta polimórfica”. Cf. Bernardi 1978, 147-49.

- “Quem era ele e quem era seu pai?  
 - Eufêmio, filho de Anfíloco, que aqui repousa.  
 - Aquele cujo nome está na boca de todos os Capadóciolos,  
 e que as Graças o deram às Musas? Pois o himeneu  
 já estava em torno de sua porta.  
 - Sim, mas a Inveja veio mais rápido”.

No epigrama 63, Nonna, mãe do poeta, é apresentada como modelo de heroína cristã, coroada não com o martírio, mas por sua fé e, como consequência, uma morte ditosa, diante do altar, enquanto orava. Quanto à forma, esta é perfeitamente clássica (um hexâmetro e um pentâmetro). E o genitivo homérico βιότοιο (da vida) denota a maestria e a excelência do poeta e seu objetivo teológico-cultural.

#### Epigrama 63

Νόννης ἠρίον εἰμι σάοφρονος, ἧ ῥα πύλησιν  
 ἔχρημψ' οὐρανίαις, πρὶν βιότοιο λυθῆν.

Sou o túmulo da casta Nonna, que chegou às portas  
 do céu antes de libertar-se da vida.

#### Epigrama 49

Πίστις Ἐνώχ μετέθηκε καὶ Ἠλίαν, ἐν δὲ γυναίξει  
 μητέρ' ἐμὴν πρώτην· οἶδε τράπεζα τόδε,  
 ἔνθεν ἀναιμάκτοισιν ὁμοῦ θυέεσσιν ἀέρθη  
 εἰσέτι λισσομένη σώματι Νόννα φίλη.

A fé transportou Enoc e Elias, e, entre as mulheres,  
 minha mãe foi a primeira; a santa mesa o sabe, pois foi diante dela  
 que, em sacrifício não-sangrento, foi elevada minha querida Nonna.

Nonna encarna a *areté* cristã. O paralelo com os personagens bíblicos Enoc e Elias é retoricamente harmonioso. Por outro lado, apresenta-se a identidade religiosa da família de Gregório: sua mãe fora uma cristã fervorosa, um exemplo de piedade, que fez da sua vida de esposa, de mãe e devota um novo canto heroico eternizado pela eloquência cristã do filho poeta, orador e teólogo.

Outro tópicos que consagra a poesia cristã de Gregório como herdeira da cultura clássica grega é a permanência de princípios éticos transfigurados em valores cristãos, tais como a amizade – φίλια –, oriunda, agora, de uma aristocracia cristã que em nada perde para os princípios da antiga *paideia* helênica. É o que se vê nos epigramas 2 e 5.

#### Epigrama 2

Σῶμα δίχα ψυχῆς ζῶειν πάρος ἤ ἐμὲ σεῖο,  
 Βασίλιε, Χριστοῦ λάτρι φίλ', ὠϊόμην·  
 ἀλλ' ἔτλην καὶ ἔμεινα. Τί μέλλομεν; Οὐ μ' ἀναείρας  
 θήσεις ἐς μακάρων σήν τε χοροστασίην;  
 Μή με λίπης, μή, τύμβον ἐπόμενυμι· οὐ ποτε σεῖο  
 λήσομαι, οὐδ' ἐθέλων. Γρηγορίου λόγος.

Que um corpo possa viver sem alma, ou antes eu sem ti,  
 Basílio, servidor de Cristo, meu amigo, eis o que pensava;  
 mas me resignei e esperarei. O que retardamos?  
 Tu não queres me levar e me pôr lá onde os bem-aventurados  
 e tu mesmo formais vossos coros?  
 Não me abandones, não, eu juro por tua tumba: jamais te esquecerei,  
 mesmo se eu o quisesse. Palavras de Gregório.

#### Epigrama 5

Εἷς θεὸς ὑψιμέδων· ἓνα δ' ἄξιον ἀρχιερεῖα  
 ἡμετέρη γενεὴ εἶδεν σε Βασίλιε,  
 ἄγγελον ἀτρεκίης ἐριχέα, ὄμμα φαεινὸν  
 Χριστιανοῖς, ψυχῆς κάλλεσι λαμπόμενον·  
 Πόντου Καππαδοκῶν τε μέγα κλέος, εἰσέτι καὶ νῦν,  
 λίσσομ', ὑπὲρ κόσμου ἴστασο δῶρ' ἀνάγων.

Só há um Deus que reina nas alturas; só há um digno arcebispo  
 que nossa geração tenha visto: és tu, Basílio,  
 cuja voz forte proclamava a verdade, luz radiante dos cristãos  
 que resplandecia das belezas de tua alma; tu que foste a grande glória  
 do Ponto e da Capadócia, ainda agora, eu te suplico, levanta-te e vem  
 trazer teus dons para a salvação do mundo.

A ânsia de pureza clássica não se mostra apenas no estilo e na estrutura do período mas também no desenvolvimento das ideias, no próprio pensamento de Gregório. Essa excelência fora fruto de suas leituras dos clássicos e das aulas de retórica. Como sustentáculo maior da erudição grega e das suas transformações através dos séculos que configuraram a história desta cultura na Antiguidade, na Pós-Antiguidade e mesmo no Período Bizantino, a arte retórica foi a característica maior do espírito grego: “proferir alavras [...]”, como diz a primeira metade do hexâmetro homérico emitido por Fênix. E, como assevera Áron Kibéde Varga, “se se define a retórica como a arte de bem dizer, a resposta deve ser simples: a princípio, tudo é matéria de retórica”<sup>8</sup>. E o Nazianzeno bem sabia que para inaugurar uma literatura cristã, no mundo grego, que caminhasse ao lado da literatura profana, só por meio de uma síntese entre cristianismo e cultura grega baseada numa profunda meditação acerca desses dois filões. Em alguns epigramas sobressai muito mais a herança grega, mas que, pelo cálamo do teólogo, ganha foros de poemas da literatura cristã. Eis porque Gregório de Nazianza será designado como o melhor dentre seus coevos para se dirigir ao imperador Juliano, o Apóstata, em defesa da inteligência cristã.

---

8 *Si l'on défine celle-ci comme l'art de bien dire, la réponse doit être simple: en principe, tout est matière de rhétorique ; [...].* (Varga 2002, p.22).

## BIBLIOGRAFIA

- Agosti, Gianfranco. 2010. "Les langues de l'épigramme épigraphique grecque : regard sur l'identité culturelle chrétienne dans l'Antiquité tardive." In *L'Épigramme dans tous ses États : Épigraphiques, Littéraires, Historiques*, dir. Eleonora Santin, et Laurence Foschia, 276-95. Paris : ENS Éditions.
- Bernardi, Jean, ed. et trans. 1978. Grégoire de Nazianze. *Discours 1-3*. Paris : Éditions du Cerf.
- Cabouret, Bernadette, trans. 2000. Libanios. *Lettres aux hommes de son temps*. Paris : Les Belles Lettres.
- Codá, Rita. 2005. *Epitáfios gregos: o apelo à eternidade*. Rio de Janeiro: HP Comunicações Editora.
- Dobner, Hubertus. 2003. *Manual de Patrologia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- Dulchesne, Jean, dir. 1996. *Histoire Chrétienne de la Littérature*. Paris: Flammarion.
- Festugière, A.-J. 1959. *Antioche païenne et chrétienne*. Paris: Éditions de Boccard.
- Gallay, Paul, trans. et ed. 1964. Saint-Grégoire de Nazianze. *Lettres*. Paris: Les Belles Lettres.
- Guignet, Marcel. 1911. *Saint Grégoire de Nazianze et la rhétorique*. Paris: Alphonse Picard et Fils.
- Jaeger, Werner. 1986. *Paideia*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Cristianismo primitivo y paideia griega*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica.
- Kaster, Robert A. 1997. *Guardians of Language: the grammarian and society in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press.
- Lesky, Albin. 1989. *História de la literatura griega*. Madrid: Editorial Gredos.
- Livingstone, Niall, et Gideon Nisbet. 2013. *Epigram*. Vol. 38 *New Surveys in the Classics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mazon, Paul, trans. et ed. 1938. Homère. *Iliade*. Paris : Les Belles Lettres.
- Mazzoleni, Danilo. 2002. *Epigráfico del mundo cristiano antico*. Rome: Lateran University Press.
- Mimouni, Simon. 2009. "Les identités religieuses dans l'Antiquité classique et tardive : remarques et réflexions sur une question en discussion." In *Entre lignes et partage de territoires de passage. Les identités religieuses dans les mondes grec et romain*. « Paganismes », judaïsmes », « christianismes », eds. Nicole Belayche, et Simon Mimouni, 485-501. Paris-Louvain: Peeters Publishers.
- Momigliano, Arnaldo. 1996. *De paganos, judíos y cristianos*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica.
- Nunes, Carlos Alberto, trans. 1996. Homero. *Iliada*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Schouler, Bernard. 1984. *La tradition hellénique chez Libanios*. Paris: Les Belles Lettres.
- Trisoglio, Francesco, trans et ed. 2005. Gregorio di Nazianzo. *Autobiografia - Carmen de vita sua*. Roma: Morcelliana.
- Varga, Áron Kibédi. 1970. *Rhétorique et littérature*. Paris: Librairie Klincksieck.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Universalité et limites de la rhétorique*. Berkeley: University of California Press.
- Vega, María Luisa del Barrio. 1992. *Epigramas funerarios griegos*. Madrid: Ed. Gredos.
- Walz, Pierre, trans. et ed. 1941. *Anthologie grecque*. Vol. V. Paris: Les Belles Lettres.



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO

### AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA